

DISCURSOS E CARACTERIZAÇÃO DE TIBÉRIO NOS ANAIS DE TÁCITO*

Anderson Martins Esteves**

Resumo:

*Partindo de uma chave de leitura dos **Anais** de Tácito que coloque em evidência a posição política do autor, podemos entender o retrato de Tibério, bem como dos demais príncipes de sua dinastia, como uma denúncia ao princípio da sucessão hereditária. Para dar conta do conceito de retrato e de caracterização, discutimos a ideia de personalidade na literatura antiga e da relação entre natura e mores, presentes tanto na historiografia quanto na biografia. Finalmente, analisamos uma fala de Tibério diante do Senado, de maneira a evidenciar como os discursos podem ser usados como procedimentos de caracterização.*

Palavras-chave: *Historiografia romana; Tácito; Tibério; discurso; retrato.*

SPEECHS AND CHARACTERIZATION OF TIBERIUS IN THE ANNALS OF TACITUS

Abstract: *Considering the political position of Tacitus as na important key to reading the **Annals**, one can understand the portrait of Tiberius, as well as the other emperors of his dynasty, as a criticism to the principle of hereditary succession. To help to understand the concept of portrait and characterisation, we discuss the idea of personality in the ancient literature and the relationship between natura and mores, occurring both in historiography and biography. Finally, we analyse one speech of Tiberius to the Senate, so as to demonstrate how discourse can be used as a procedure of characterisation.*

Keywords: *Roman historiography; Tacitus; Tiberius; discourse; portrait.*

* Recebido em 25/05/2015 e aceito em 31/07/2015.

** Professor adjunto do Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando no Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas.

Nos seis primeiros livros dos *Anais*, última obra do senador romano Cornélio Tácito, Tibério ocupa um papel de relevância. Na obra, que foi escrita no início do século II d.C., o autor narra eventos ocorridos no centro político e administrativo do Império Romano entre os anos 14-68 d.C.,¹ trazendo à luz os *arcana imperii*, i.e., os segredos do exercício do poder imperial. Daí o enfoque privilegiado sobre as personagens da corte e, sobretudo, sobre os príncipes da dinastia júlio-claudiana, que governaram no período abrangido pela obra historiográfica. Dos três príncipes de que tratam os **Anais** – a saber, Tibério, Cláudio e Nero, tendo-se perdido todos os livros referentes a Calígula – é do primeiro que se oferece ao leitor um retrato mais completo, em virtude tanto da preservação da maior parte dos livros referentes a seu principado, como da profundidade com que o autor apresenta esta personagem. Tibério é mostrado, sobretudo, em sua atuação no Senado e na vida política de Roma, expondo-se suas atitudes, seus discursos e mesmo seus pensamentos. Assim, no decorrer da narrativa, Tácito compõe a personagem e a torna mais densa por meio de uma série de procedimentos, que reafirmam suas características principais.

Tácito, conhecido por seu pessimismo no que tange à política e à natureza humana, curiosamente escreveu em uma época se não de otimismo, pelo menos de renovação de esperanças quanto aos imperadores romanos e quanto à prosperidade do Império. Após um período de quinze anos de tirania de Domiciano, o Senado havia conseguido retomar parcialmente o poder e entregava o *imperium* a Nerva, dando início a uma nova dinastia, pródiga em príncipes que se fixaram na tradição historiográfica como bons governantes, a exemplo de Antonino Pio ou de Marco Aurélio. É esse o ambiente político de Tácito, que começa a escrever seus *Anais* no final do principado de Trajano² e continua a escrever pelos primeiros anos do principado de Adriano.

Talvez esse pessimismo do historiador seja mais compreensível quando entendemos que os **Anais** em sua quintessência política não são uma obra contra a instituição do principado – essa é uma ideia recorrente na fortuna crítica de Tácito desde Ronald Syme (1958), o grande especialista de meados do século XX. É claro que, em um primeiro plano, a narrativa dos **Anais** é inspirada no sentimento da grandeza moral e política da Roma republicana, nas virtudes originárias do povo romano e na censura à submissão do Senado ao novo poder imperial. Esse ideal republicano é um motivo constante, mas deve ser compreendido como mais um sinal da iden-

tificação do autor com a ordem senatorial, ou mesmo como uma estilização da prosa historiográfica romana do período a tal ponto de ser definida como uma historiografia senatorial. Entretanto, Tácito aceita o principado como uma necessidade histórica, que se justifica pelo trauma das guerras civis, uma constante na literatura clássica tardo-republicana que foi revivida pelo autor no ano de 69 com a morte de Nero – o ano dos quatro imperadores. Somente o governo de um só poderia dar fim ao mal maior representado pelas guerras civis. Isso é sugerido, por exemplo, na seguinte passagem dos **Anais**, referindo-se a Augusto: “recebeu sob seu poder um mundo cansado pelas guerras civis e governou, com o título de príncipe”³ (TÁCITO. **Anais** 1. 1. 1), ou nesta, das **Histórias**: “Mas depois da batalha de Áccio, quando o poder de um só foi a condição da paz, ...”⁴ (TÁCITO. **Histórias** 1. 1. 1).

O *leitmotiv* político dos *Anais* é não a denúncia do principado, mas a rejeição ao mecanismo de sucessão dinástica. Augusto, seguido por Vespasiano, iniciador da dinastia seguinte, transmitiu o *imperium* a um membro de sua família, o que era absolutamente contrário à tradição republicana, em que as magistraturas eram ocupadas por eleições nos *comitia* ou por decisões do Senado. Tácito é claramente contrário à sucessão hereditária pelos perigos que importava passar o governo não ao “melhor” entre os senadores, mas a algum membro da família imperial, que deveria assumi-lo mesmo se não tivesse qualidades para governar. Nisso, pode ter sido influenciado pela experiência de Domiciano na dinastia flaviana, que provava que, mesmo uma família que havia dado dois imperadores tidos como aptos para o cargo (*i.e.* Vespasiano e Tito), poderia dar origem a um tirano cruel, como foi retratado pela já citada historiografia senatorial. O poder, assim, não deveria permanecer como apanágio de uma casa, como no discurso de Galba (TÁCITO. **Histórias** 1. 16), composto por Tácito nas **Historiae**. Caberia a cada príncipe escolher dentre o colégio senatorial o mais adequado a ser seu sucessor, a exemplo do que fizera Nerva adotando Trajano. E, sobretudo, supomos que o senador-historiador Tácito deveria entender-se incumbido de zelar pelo equilíbrio político dessa constituição romana e denunciar o princípio da sucessão hereditária como forma de garantir que a nascente dinastia Nerva-antonina se perpetuasse no poder por meio da sucessão adotiva.

Atendendo a essa incumbência política e à função da *historia* como *docere* – o célebre “*historia magistra vitae*” de Cícero –, Tácito apresenta o principado de Tibério e, por extensão a personalidade do príncipe, de ma-

neira a ressaltar os riscos que advinham da sucessão hereditária. Filho do primeiro casamento de Lúvia, Tibério é apresentado nos *Anais* (1,3) como a última opção para suceder a Augusto diante da morte de seus netos Caio e Lúcio e do genro Agripa. Assim, para manter o poder dentro da família imperial, vê-se obrigado a escolher Tibério a despeito de seu caráter, marcado pela soberba, crueldade e dissimulação (TÁCITO. *Anais* 1. 4. 3-4). O que buscamos neste artigo é determinar como uma dessas características – a simulação/dissimulação de Tibério – é reafirmada na narrativa da primeira hêxade dos *Anais* por meio de um procedimento literário específico: o uso dos discursos. Trata-se, pois, do processo de caracterização, entendido como o conjunto de técnicas visando à transmissão de informações sobre uma personagem, seja ela histórica ou ficcional. Ademais, a distinção entre prosa historiográfica e ficção na Antiguidade deve ser, em conformidade com a posição que defendemos (ESTEVEZ, 2013), posta em segundo plano, de maneira a se compreender a historiografia antiga dentro dos sistemas literários da tradição greco-romana.

Parte da dificuldade subjacente à questão da personagem na literatura clássica deve-se ao distanciamento da noção de personalidade entre as culturas da Antiguidade e o mundo moderno. A literatura, como forma de expressão mimética do real, é profundamente tributária da *Gedankenwelt*, i.e., do “mundo do pensamento”, na expressão de Michael von Albrecht (2009, p.27), de forma que os conceitos literários devem ser entendidos à luz da história cultural da época estudada. E sobre a personalidade, Ross, ao tratar da personagem épica, é categórico e resume uma tendência geral da crítica contemporânea:

*Tornou-se um lugar-comum entre os classicistas o fato de que os gregos e os romanos consideravam a personalidade (character) de um indivíduo como algo determinado no nascimento, imutável ao longo da vida. Essa seria a premissa básica do romano comum (...).*⁵ (ROSS, 2007, p.27)

Essa compreensão, ainda que correta de maneira geral, merece alguns reparos ou, pelo menos, alguns esclarecimentos.

Em latim, personalidade poderia se expressar como *ingenium*; ou mesmo *natura*, quando este termo é aplicado a pessoas. Tácito, por exemplo, usa profusamente ambos os termos para se referir a esse conjunto de carac-

terísticas. E essa personalidade se mostra no mundo dos fatos por meio dos *mores*, ou seja, do comportamento individual, entendido como o conjunto de ações. Assim, na primeira hêxade dos **Anais**, percebe-se que a *natura* de Tibério é um dado inato, como quando o autor, ao se referir à obscuridade do imperador, opõe o vocábulo a *adsuetudo*, ou seja, costume.

Tiberioqueetiam in rebus quas non occuleret, seu natura siue adsuetudine, suspensa semper et obscura uerba. (TÁCITO. **Anais** 1. 11. 2)

E Tibério, mesmo nas coisas que não procurasse ocultar, seja por sua natureza, seja por hábito, usava sempre palavras obscuras e de duplo sentido.

Embora a *natura* seja, para Tácito, invariável, os costumes podem variar, em geral seguindo um padrão que se repete no retrato de Nero na última hêxade, isto é, de maneira a revelar, ao longo da narrativa, a verdadeira natureza da personagem. É o que vemos no seguinte passo:

*Quanto aos seus hábitos, ele teve diversas fases: admirável, em sua vida e em sua reputação, enquanto foi um cidadão privado, ou mesmo investido de comandos, sob Augusto; dissimulado e astuto em fingir virtudes enquanto Germânico e Druso ainda viviam; igualmente era um misto de bem e mal antes da morte da mãe; abominável pela crueldade mas com suas torpezas ocultas enquanto amava e temia Sejano; no final, precipitou-se ao mesmo tempo nos crimes e nas depravações, depois que, abandonados o medo e o pudor, entregou-se somente à sua natureza.*⁶ (TÁCITO. **Anais** 6. 51. 3)

Podemos compreender que o caráter (*natura*), que se revela no final de sua vida quando ele se entrega aos crimes e aos *débauches*, permanece inalterado. O que evolui em um *crescendo* são os hábitos (*mores*) de Tibério, em função das circunstâncias exteriores à sua personalidade: a chegada ao poder, a morte de sua mãe e, finalmente, a morte de Sejano.

A disposição da personagem histórica na narrativa é tradicionalmente chamada de retrato, aplicando-se o termo ao conjunto ordenado dos *mores* e da *natura*. Separar, contudo, o aspecto interno da personagem de suas feições externas – a *natura* dos *mores* – é tarefa demasiado artificial, porquanto ambos aparecem costumeiramente juntos, de maneira que, não raro, um revele o outro ou, por outras, um explique o outro. O termo deve ser usado

com ressalvas, já que pode induzir à ideia enganosa de que os historiadores retratavam a realidade tal qual esta se lhes apresentava, *i.e.*, por meio da observação direta e pessoal, ou por meio de documentos. Descontando-se a sua implicação verista e com a ressalva de que o conceito de “retrato”, quando empregado em uma obra histórica, não deve ser lido como um simples reflexo instantâneo do evento histórico, o termo pode ser utilizado como um quase sinônimo de personagem. Na realidade, o retrato – e convém especificar, o retrato de Tibério – é uma personagem qualificada pelo fato de ter correlação com uma pessoa real, que tem existência exterior e anterior à obra literária – em nosso caso, o imperador Tibério. E é essa a significação que lhe empresta Bernard em um recente trabalho sobre as personagens históricas de Tito Lívio. Após dizer que o retrato (*portrait*) é um conceito emprestado das artes plásticas e que “repousa sobre um equilíbrio frágil entre a verdade e a beleza” (BERNARD, 2000, p. 7), o autor justifica o uso do termo dizendo que o retrato não pode escapar aos múltiplos dados do real – sociais, morais, psicológicos, ideológicos. As individualidades pintadas nas obras de história existiram, elas não saíram da imaginação do autor. A história é um saber, mesmo que relativo: os retratos são fundamentados sobre fontes, sobre testemunhos escritos, e é sempre possível compará-los com aqueles que outros autores escreveram a partir do mesmo modelo (BERNARD, 2000, p. 9).

Estudar o retrato de Tibério na primeira hêxade dos *Anais* equivale, assim, a seguir, ao longo da narrativa, suas ações, seus discursos, seus pensamentos e os comentários de terceiros. Esse tipo de apresentação, dispersa e fundida na obra, perfaz uma técnica conhecida como “retrato indireto” (SYME, 1958, p. 314), em que a caracterização das personagens é intimamente ligada à narração, que não se interrompe para que o autor trace um retrato direto e definitivo, chamado de *portrait en pied* por Courbaud (1918, p. 168). Esse retrato *em pied* aparece, em regra, no final da narrativa, sob a forma de um curto necrológio, que sintetiza num epílogo o conjunto das características apresentadas até ali, trazendo ao leitor um “esboço biográfico” da personagem (SCHMAL, 2009, p. 97).⁷ Isso ocorre, por exemplo, ao final dos livros dos *Anais* devotados a Tibério, depois de cuja morte Tácito resume a natureza ambígua do imperador, como vimos acima.

Dentre os vários procedimentos de composição do retrato, escolhemos o discurso para esta análise. Uma obra historiográfica sem os discursos não pareceria reproduzir a realidade para os romanos e gregos da Antiguidade.

A vida pública estava tão penetrada pelos discursos, que uma obra que tivesse por objetivo representá-la não poderia prescindir destes sem parecer inverossímil. Assim, o uso dos discursos reconstituídos na historiografia antiga não é mera convenção do gênero, mas um esforço para tornar a obra realista.

Não nos seria possível duvidar da recriação operada por Tácito nos discursos reais de personagens históricas, aos quais, considerando as funções que ocupava, poderia ter acesso pelos *acta senatus*. É, com efeito, o próprio historiador que nos informa sobre o seu método de recriação – e se o faz tão displicentemente é porque certamente não precisava explicitar uma prática comum na historiografia antiga. Por exemplo, quando Tácito cita algumas poucas palavras de alguém, pede licença para fazê-lo. “Citarei as próprias palavras do príncipe”,⁸ escreve ele (**Anais** 14. 59. 3) quando quer repetir as palavras de Nero, dando a entender, *contrario sensu*, que a norma é a recriação das falas pelo historiógrafo. Do mesmo modo, Tácito se eximiu de apresentar o discurso de Sêneca moribundo, pois o mesmo já havia sido publicado por um discípulo deste.

O discurso tem a função de complementar a exposição narrativa colocando em cena um retrato psicológico das personagens; veiculando as ideias do autor ou discutindo uma causa, explicitando seus prós e contras. Essa divisão deve ter em mente a impossibilidade de se isolar um discurso-tipo para cada função específica. Nesse sentido, raramente há um discurso meramente retórico, outro meramente confessional e um terceiro psicológico. A maioria dos discursos tem os três elementos, o que não quer dizer que um desses não possa sobressair.

Aos discursos presentes nas obras historiográficas corresponde o exercício de retórica conhecido por etopeia, pelo qual o aprendiz de orador dava voz a uma personagem de maneira a lhe atribuir um caráter. E a historiografia romana, cuja escritura repousava nos ditames do código retórico, tornava-se ainda mais próxima da retórica nesses exercícios de declamação que constituíam os discursos. Sobre essa evidência da retórica sobressaindo da narrativa nos discursos de Tibério, pronuncia-se Syme:

*Quando Tácito compõe um discurso, ele naturalmente emprega um número dos procedimentos retóricos normais para produzir uma ilusão de um discurso falado. A estrutura e o estilo não são, em absoluto, iguais aos das suas narrativas.*⁹ (SYME, 1958, p. 700)

O mesmo Syme é de opinião que, ao compor os discursos de Tibério, Tácito tenha usado algumas características da linguagem do príncipe, visto que possivelmente o historiador tenha tido acesso aos arquivos do Senado que continham a transcrição de tais pronunciamentos. Postulando essa hipótese, Syme afirma que certas peculiaridades dos discursos de Tibério nos *Anais* – podem-se citar, por exemplo, o uso de palavras abstratas e o de verbos compostos em proporção maior do que no resto da narrativa – se devem ao próprio estilo de Tibério. Aponta, ainda, que algumas palavras – como *compello*, *diuidico* e *exsatio* – só aparecem nos discursos diretos ou indiretos de Tibério, sendo ausentes do resto dos escritos de Tácito (SYME, 1958, p. 700-703). Miller (1968), comparando a frequência de palavras só usadas nos discursos de Tibério com as palavras só usadas nos discursos de Nero, pôs à prova a hipótese de Syme e chegou à conclusão de que aqueles pronunciamentos tinham conexão com as palavras reais de Tibério. Contrário ao método utilizado por Miller é Wharton, para quem “as supostas peculiaridades dos discursos de Tibério não são mensuráveis pelos critérios estilísticos propostos” (WHARTON, 1997, p. 124). O mérito de tal debate não tem especial interesse neste artigo, já que não nos propomos a especular sobre a autenticidade dos discursos de Tibério. Entretanto, não podemos deixar de registrar o acordo prévio, ou seja, o entendimento mínimo de que partem os contendores, *i.e.*, que os discursos dos *Anais* foram compostos por Tácito, tenha este sido mais ou menos influenciado pela fonte histórica. Discute-se o grau da influência que o estilo do imperador exerceu sobre Tácito, e não o fato de que os discursos são produtos de criação literária.

Há cinco discursos de Tibério em estilo direto, todos proferidos¹⁰ perante o Senado. Comparados aos discursos das *Historiae* ou das obras anteriores de Tácito, são de curta extensão, o que possibilita a tradução de um deles, seguida de comentários. Necessário notar, entretanto, que há inúmeros outros discursos indiretos, por vezes meros atos de fala, referências aos enunciados do imperador.

O discurso que nos propomos a analisar é aquele em que se pede um julgamento justo para Cneu Pisão, que havia sido acusado de colaborar na morte de Germânico. Este último era sobrinho de Tibério e fora adotado por ele por ordem de Augusto, estabelecendo-se, assim, uma linha sucessória do trono imperial. Tibério, entretanto, que já tinha um filho, era acusado de tratar Germânico com desfavor e maquinou para que o Senado o afastasse de Roma com o encargo de estabelecer a paz nas províncias da Ásia

Menor. Simultaneamente, para reduzir o poder de Germânico no Oriente, Tibério enviou como seu *legatus* à Síria Cneu Pisão, “homem de caráter violento e incapaz de deferências”¹¹ (TÁCITO. **Anais** 2. 43. 2). Tácito faz referência a encargos secretos dados por Tibério a Pisão, o que se evidencia posteriormente, quando este é apresentado como suspeito do envenenamento de Germânico para se vingar de um desentendimento entre os dois, culminando com a expulsão de Pisão da província da Síria.

Tibério, a quem foi apresentada a denúncia pelo homicídio de Germânico, devolveu ao Senado o julgamento da causa (TÁCITO. **Anais** 3. 10). Agindo desse modo, o imperador se subtrai às suspeitas de favoritismo em relação a Pisão e se separa, por via de consequência, da própria trama que culminou com o assassinato de Germânico. O povo, entretanto, como Tácito refere, está atento à manobra e ansioso por saber se “se Tibério saberia controlar e reprimir seus sentimentos o bastante”¹² (TÁCITO. **Anais** 3. 11. 2).

O discurso é misto, ou seja, começa no estilo indireto e passa sutilmente para o direto. Com isso, ganha-se fluidez na narrativa, ao mesmo tempo que se evita uma *narratio* que desse conta da situação de Pisão na Síria e de seu desentendimento com Germânico. Essa *narratio* seria, evidentemente, necessária para um discurso real, diante do Senado, já que instruíra a situação da causa. Já no discurso dentro dos **Anais**, tal *narratio* já está tratada à suficiência nos capítulos anteriores, razão pela qual Tácito a resume em um discurso indireto.

1. Na sessão do Senado, César [i.e. Tibério] fez um discurso de uma imparcialidade meditada. Disse que Pisão tinha sido legado e amigo de seu pai e que fora encarregado por ele próprio, Tibério, por proposta do Senado, como auxiliar de Germânico para a administração do Oriente. Se ali, por sua obstinação e rivalidade, irritara o jovem [Germânico], se se regozijara com a morte deste ou se o fizera perecer por meio de um crime, isso deveria ser decidido sem prejudgmentos. 2. “Pois se ele, como legado, ultrapassou os limites de seu cargo e faltou com o respeito devido ao seu comandante, e se ele se alegrou com a sua morte e com o meu luto, odiá-lo-ei e excluí-lo-ei de minha casa e não vingarei, com a autoridade de príncipe, inimizades particulares. Mas se, ao contrário, se descobre um delito que deve ser punido – em caso de assassinato de qualquer pessoa que seja – trouxe uma justa consolação aos filhos de Germânico e

a mim, seu pai. 3. Ao mesmo tempo, examinai se Pisão manipulou os exércitos com desordem e sedição; se ele procurou, por meios ilegítimos, o favor dos soldados; se conquistou a província pelas armas, ou se esses fatos são falsos e exagerados pelos acusadores. 4. Eu, com justiça, me indigno com o excessivo zelo destes, pois com que objetivo desnudaram o corpo [de Germânico] e o deixaram à vista do povo, e espalharam pelo estrangeiro que ele fora envenenado, se esses fatos ainda são incertos e devem ser examinados? 5. Eu, certamente, choro meu filho e sempre chorarei; no entanto, não proíbo o acusado de produzir todas as provas pelas quais possa demonstrar sua inocência, ou, se de qualquer forma houve algum excesso da parte de Germânico, que possa demonstrá-lo. E peço-vos, como a causa é conexas ao meu pesar, que não recebais as acusações que lhe são propostas como fatos provados. 6. Se liames de sangue ou de fidelidade lhe deram defensores, ajudai-o no perigo, com toda a eloquência e com todo o zelo de que sois capazes. Ao mesmo empenho e à mesma constância eu exorto os acusadores. 7. Nós teremos tributado a Germânico só um privilégio: que na Cúria e não no Fórum, que perante o Senado e não perante os juízes corra o processo sobre sua morte; que quanto ao resto se proceda com semelhante moderação. Ninguém dê atenção às lágrimas de Druso ou à minha dor, e nem às calúnias possivelmente inventadas a nosso respeito.”¹³ (TÁCITO. *Anais* 3. 12)

O tema condutor é dado pela ideia da imparcialidade: os senadores devem agir com moderação (*modestia*) e sem prejulgamentos (*integris animis*) no processo de Pisão. Não devem tratar alegações da acusação como se fossem fatos provados (*ne... obiecta crimina pro adprobatis accipiatis*) somente pelo fato de que a causa diz respeito ao imperador.

No entanto, essa temperança proposta por Tibério é, no dizer de Tácito, calculada (*meditato temperamento*), *i.e.*, não é espontânea. Essa é a primeira afirmação, colocada logo antes do discurso, como se convidasse o leitor a descobrir em que consiste essa maquinação e o que se esconde por trás das palavras de Tibério. Este, obviamente, não é acusado de nada, mas na parte final de seu discurso conclama os senadores a julgarem a causa não levando em conta nem o pesar dele próprio e de seu filho natural Druso, e nem as calúnias que corriam a seu respeito (*nec si qua in nos aduersa*

funguntur). Forçoso é considerar que esses comentários adversos (*aduersa*) diriam respeito a uma ligação dele, Tibério (ou de Tibério e de Druso, conforme se traduza o pronome pessoal *nos*), com a morte de Germânico, pois só assim a frase faria sentido. Assim, os senadores não deveriam nem levar em conta o sofrimento de Tibério e ter uma predisposição contrária a Pisão, e nem considerar a hipótese do envolvimento de Tibério com o réu e demonstrar-lhe seu favor. Parece estar aí, portanto, a chave para a compreensão do sentido geral do discurso de Tibério: ele quer se distanciar de Pisão e de qualquer envolvimento no assassinato.

Com esse objetivo implícito, emprega alguns argumentos. Primeiro, ainda na *narratio*, diz que Pisão foi amigo e *legatus* de seu pai (*patris sui legati tum atque amicum*), e que foi o Senado que propôs (*auctore senatu*) que fosse enviado ao Oriente. Com isso, Tibério se exime da responsabilidade por ter escolhido mal o seu legado para a província da Síria: se agiu mal, foi por culpa do precedente dado por Augusto e do conselho do Senado.

Esse afastamento da figura de Pisão também se opera pela reafirmação constante de uma proximidade afetiva com Germânico. Isso se percebe, por exemplo, no trecho, em que diz que Pisão merecerá seu ódio se tiver se alegrado com a morte de Germânico e com o luto de Tibério (*eiusdemque morte et luctu meo*). Ressaltando, pelo quiasmo,¹⁴ a associação entre o luto **seu** a morte **de Germânico**, Tibério se coloca claramente no partido oposto ao de Pisão, quer este tenha participado do assassinato ou não. No decorrer do discurso, Tibério afirma várias vezes o seu pesar pela morte de Germânico, como na passagem: “*defleo equidem filium meum semperque deflebo*”. A figura do ciclo, dada pela repetição do verbo *defleo* no início e no fim do conjunto, tem a função de amplificação afetiva, “dentro da qual há campo para a expressão do retorno, da reciprocidade, da consequência imanente ao destino, da relação cíclica entre finito, infinito e finito” (LAUSBERG, 1972, p. 174). O imperador quer, assim, reforçar no auditório a ideia de que tinha grande afeição por Germânico, que, apesar de ser adotado por imposição de Augusto, era seu filho (*filiummeum*), como ressalta com a indicação expressa do pronome possessivo. Este, que em regra não é usado em latim, utiliza-se para enfatizar a relação de posse, ou, no passo, o liame de parentesco entre o príncipe e Germânico.

Com tamanha insistência de Tibério em afirmar sua dor e seu luto, Tácito possivelmente tentava ressaltar a hipocrisia do discurso do imperador. Essa assertiva ganha mais força quando se considera a seguinte pas-

sagem, colocada um pouco antes, no início do Livro III, quando as cinzas de Germânico, trazidas do Oriente por sua esposa Agripina, chegam a Roma, para a consternação geral do povo. Tácito escreve: “era conhecido de todos que a morte de Germânico era para Tibério uma alegria mal dissimulada”¹⁵ (TÁCITO. *Anais* 3. 2. 3). Assim, o que avulta nesse discurso é um traço da personalidade de Tibério que se repete ao longo da narrativa: a dissimulação.

Dissimulando sua satisfação pela morte de Germânico, Tibério concomitantemente simula uma postura de *princeps* liberal, tirando, assim, mais um proveito político de seu discurso ao Senado. Com efeito, o imperador demonstra o desejo de que o processo se conduza em conformidade com as leis e com os costumes, como se se tratasse do assassinato de qualquer pessoa, mesmo a mais comum – esse é o sentido preciso do “*cuiuscumque mortalium*”. O único privilégio dado à família imperial será o de o assassinato de um membro seu ser julgado no Senado, e não no foro, com juízes comuns. Do mesmo modo, Tibério permitirá ao acusado produzir livremente não só as provas de que necessita para comprovar sua inocência, como também alegar qualquer coisa contra Germânico. E se, ao final, ficar comprovado algo contra Pisão, mesmo que seja somente seu regozijo com a morte de Germânico, Tibério afirma que não usará seu poder de imperador para puni-lo, apregoando novamente seu apreço às liberdades republicanas.

Esse discurso, no Livro III e em muitas outras passagens, Tácito vai deixando entrever uma das principais características de Tibério em sua vida política: a dissimulação. Os discursos, diretos e indiretos, dramatizam e aprofundam o retrato do imperador, de maneira que, no final do Livro VI, a expressão sentenciosa “dissimulado e astuto em fingir virtudes” do já examinado necrológio não aparece como juízo de valor, mas sim como um dado real, incontestável, diante das atitudes do príncipe, as quais se examinaram à exaustão ao longo da narrativa. Dessarte, o discurso de Tibério sobre o julgamento de Pisão é uma peça dessa engrenagem retratística, que, ao expor uma ação do príncipe, demonstra sua *natura* (do príncipe) e antecipa o julgamento final do historiador. É o famoso *ars est celare artem*, que afirma Tácito como um mestre do gênero historiográfico romano.

Documentação escrita

TACITE. **Annales**. Tome I. Livres I – III. 1re éd. 3. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

_____. **Annales**. Tome II. Livres IV – VI. 1re éd. 3. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

_____. **Histoires**. Tome I. Livre I. 1ère éd. 2. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier et Henri Le Bonniec, annoté par Joseph Hellegouarc’h. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

Referências bibliográficas

BERNARD, J.-E. **Le portrait chez Tite-Live**; Essais sur une écriture de l’histoire romaine. Bruxelles: Latomus, 2000.

COURBAUD, E. **Les procédés d’art de Tacite dans les Histoires**. Paris: Hachette, 1918.

ESTEVEZ, A. Cícero e a narrativa da história. **Phoênix**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 79-90, 2013.

LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

MILLER, N. P. Dramatic Speech in Tacitus. **American Journal of Philology**, Baltimore, v. 85, n. 3, p. 279-296, jul. 1964.

_____. Tiberius Speaks: An Examination of the Utterances Ascribed to Him in the Annals of Tacitus. **American Journal of Philology**, Baltimore, v. 89, n. 1, p. 1-19, jan. 1968.

ROSS, D. O. **Virgil’s Aeneid**. Oxford: Blackwell, 2007.

SCHMAL, S. **Tacitus**. Zürich: G. Olms Verlag, 2009.

SYME, R. **Tacitus**. Oxford: Oxford University Press, 1958. 2 vv.

VON ALBRECHT, M. **Geschichte der römischen Literatur**. Band I. 4. Aufl. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2009.

WHARTON, D. B. Tacitus’ Tiberius: The State of the Evidence for the Emperor’s Ipsissima Verba in the Annals. **American Journal of Philology**, Baltimore, v. 118, n. 1, p. 119-125, 1997.

¹ Os *Anais*, cujo título completo é *Annalium ab excessu divi Augusti libri* (Livros de anais a partir da morte do Divino Augusto), cobriam os principados de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, à exceção dos cinco primeiros parágrafos do Livro I, em que se descreve brevemente o principado de Augusto.

² Seguimos Syme (1958, p. 471) quanto à datação de um trecho do Livro II entre os anos de 116 e 117, últimos anos do principado de Trajano.

³ *Qui cuncta discordibus ciuilibus fessa nomine principis sub imperium accepit.*

⁴ *Postquam bellatum apud Actium atque omnem potentiam ad unum conferri pacis interfuit, (...).* A sentença continua com “*magna illa ingenia cessere*” (aqueles grandes gênios desapareceram), reportando-se aos historiadores do período republicano.

⁵ *It has become a commonplace among classical scholars that both the Greeks and the Romans viewed the character of an individual as something fixed at birth, unchanging throughout life. This would be the basic assumption of any Roman you met on the street (...).*

⁶ *Morum quoque tempora illi diuersa: egregium uita famaue quoad priuatus uel in imperiis sub Augusto fuit; occultum ac subdolum fingendis uirtutibus donec Germanicus ac Drusus superfuere; idem inter bona malaque mixtus incolumi matre; instabilis saeuitia sed obiectis libidinibus dum Seianum dilexit timuitue: postremo in scelera simul ac dedecora prorupi tpostquam remoto pudore et metu suo tantum ingenio utebatur.*

⁷ O autor ainda aponta exemplos de esboços biográficos (*biographische Skizze*) que aparecem anteriormente ao retrato propriamente dito.

⁸ *Ipsa principis uerba referam*

⁹ *When Tacitus makes up a speech, he naturally employs a number of the normal rhetorical turns to produce an illusion of spoken discourse. Structure and style is not at all like that of his narrations.*

¹⁰ A rigor, um dentre eles (TAC. *Ann.* III. 53) se trata de uma carta dirigida ao Senado, mas apresentada por Tácito no estilo direto.

¹¹ *Ingenio uiolentum et obsequii ignarum*

¹² *Satin cohiberet ac premeret sensus suos Tiberius.*

¹³ 1. *Die senatus Caesar orationem habuit meditato temperamento. Patris sui legatum atque amicum Pisonem fuisse adiutoremque Germanico datum a se, auctore senatu, rebus apud Orientem administrandis. Illic contumacia et certaminibus asperasset iuuenem exituque eius laetatus esset an scelere extinxisset, integris animis diiudicandum.* 2. “*Nam, si legatus officii terminos, obsequium erga imperatorem exiit eiusdemque morte et luctu meo laetatus est, odero seponamque a domo mea*

et priuatas inimicitias non ui principis ulciscar: sin facinus in cuiuscumque mortalium nece uindicandum detegitur, uos uero et liberos Germanici et nos parentes iustis solaciis adfcite. 3. Simulque illud reputate, turbide et seditiose tractauerit exercitus Piso, quaesita sint per ambitionem studia militum, armis repetita prouincia, an falsa haec in maius uulgauerint accusatores. 4. Quorum ego nimiis studiis iure suscenseo: nam quo pertinuit nudare corpus et contrectandum uulgi oculis permittere differrique etiam per externos tamquam ueneno interceptus esset, si incerta adhuc ista et scrutanda sunt? 5. Defleo equidem filium meum semperque deflebo: sed neque reum prohibeo quo minus cuncta proferat, quibus innocentia eius subleuari aut, si qua fuit iniquitas Germanici, coargui possit, uosque oro ne, quia dolori meo causa conexa est, obiecta crimina pro adprobatis accipiatis. 6. Si quos propinquus sanguis aut fides sua patronos dedit, quantum quisque eloquentia et cura ualet, iuuate periclitantem: ad eundem laborem, eandem constantiam accusatores hortor. 7. Id solum Germanico super leges praestiterimus, quod in curia potius quam in foro, apud senatum quam apud iudices de morte eius anquiritur: cetera pari modestia tractentur. Nemo Drusi lacrimas, nemo maestitiam meam spectet, nec si qua in nos aduersa finguntur.'

¹⁴ O quiasmo caracterizado pela posição entrecruzada: pronome – substantivo x substantivo – pronome. Cf. Lausberg (1970, p. 233).

¹⁵ *gnaris omnibus laetam Tiberio Germanici mortem male dissimulari.*